

COGNITIVISMO E SOCIOCOGNITIVISMO: A PRODUÇÃO DE SENTIDO NO CARÁTER ANEDÓTICO DA CRÔNICA



COGNITIVISM AND SOCIOCOGNITIVISM: MEANING CONSTRUCTION IN THE ANECDOTAL NATURE OF THE *CRÔNICA*

BRUNO GARCIA TERRA

Graduado em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em 2016, e em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), em 2023. Professor da Rede Municipal de São Paulo. Área de atuação: Literatura Portuguesa e Educação.

RESUMO

Pretendemos, no presente artigo, abordar e refletir sobre a evolução na forma de entender a relação entre linguagem e mundo, os estudos nos quais se baseavam o cognitivismo clássico, o desenvolvimento da concepção de linguagem no mundo a partir de vertentes de diversas áreas do estudo da língua na sociedade, até a definição de sociocognitivismo. Para isso, utilizaremos como base principal os textos de Maria Margarida Salomão, “Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivismo da referência”, e de Ingedore Villaça Koch e Maria Luiza Cunha-Lima, “Do cognitivismo ao sociocognitivismo”. Para explicitar os aspectos teóricos extraídos desses importantes estudos, utilizaremos exemplos retirados de três crônicas de Fernando Sabino, por ser um gênero muito próximo da comunicação oral, de caráter anedótico e escrita leve, como um de seus precursores – cânone da nossa literatura, José de Alencar – assinava, “ao correr da pena”.

Palavras-chave: Linguagem; Mundo; Cognitivismo; Sociocognitivismo.

ABSTRACT

In this article, we aim to address and reflect upon the evolution in the understanding of the relationship between language and the world—ranging from the studies underpinning classical cognitivism and the development of the concept of language-in-the-world (drawing on various strands of the study of language

in society) to the definition of sociocognitivism. To this end, we primarily draw upon the texts "Reason, Realism, and Truth: What the Sociocognitive Study of Reference Teaches Us" by Maria Margarida Salomão, and "From Cognitivism to Sociocognitivism" by Ingedore Villaça Koch and Maria Luiza Cunha-Lima. To illustrate the theoretical aspects derived from these significant studies, we use examples from three **crônicas** (short, informal essays) by Fernando Sabino. This genre is chosen because it closely resembles oral communication, is often anecdotal in nature, and features a light writing style—written, as a literary canon and precursor like José de Alencar used to describe it, "as the pen flows" (**ao correr da pena**).

Keywords: Language; World; Cognitivism; Sociocognitivism.

INTRODUÇÃO

Tanto Salomão (2005) quanto Koch e Cunha-Lima (2004), tratam basicamente da relação entre linguagem e mundo, ao mesmo tempo em que abordam a evolução dos estudos sociocognitivos. Os textos têm praticamente a mesma estrutura, como sugere o desenvolvimento dos estudos de linguagem e o próprio trabalho de Koch e Cunha-Lima: "Do cognitivismo ao sociocognitivismo". Os trabalhos aqui citados foram escolhidos como base porque expõem a necessidade de o aspecto social ser incorporado ao cognitivismo clássico, que via a linguagem como suficiente para a comunicação – muitas vezes considerada como mero meio de transmitir informação, desconsiderando qualquer aspecto social, de forma que a verdade era tida como representação simbólica.

O cognitivismo clássico compreendia a mente humana como uma espécie de sistema autônomo de processamento de informações, relativamente independente das práticas sociais e da interação entre sujeitos. Nessa perspectiva, a linguagem era frequentemente entendida como instrumento de representação objetiva do mundo, responsável pela transmissão de conteúdos previamente organizados mentalmente. Tal concepção contribuiu significativamente para os estudos da cognição, mas revelou-se insuficiente para explicar fenômenos comunicativos marcados pela ambiguidade, pela inferência e pela negociação de sentidos presentes nas interações reais.

A partir do desenvolvimento de estudos provenientes de áreas como a Linguística Textual, a Análise da Conversação, a Antropologia Cognitiva e a Neurobiologia, fortaleceu-se gradualmente uma compreensão mais dinâmica da relação entre linguagem, mente e sociedade. O sociocognitivismo surge justamente nesse contexto, propondo que os processos cognitivos não podem ser dissociados das práticas sociais, culturais e interacionais nas quais os sujeitos estão inseridos.

Além da relevância teórica dos estudos sociocognitivistas para a compreensão da linguagem, a escolha da crônica como corpus de análise revela-se especialmente pertinente por se tratar de um gênero profundamente vinculado às práticas sociais e à interação cotidiana. A linguagem presente na crônica aproxima-se frequentemente da oralidade, mobilizando experiências compartilhadas, inferências e conhecimentos socioculturais que exigem participação ativa do leitor para a construção do sentido.

Nesse contexto, o caráter anedótico presente em muitas crônicas de Fernando Sabino evidencia a impossibilidade de compreender a linguagem apenas como simples representação objetiva do mundo. O humor, a ironia e os mal-entendidos explorados pelo autor dependem diretamente da ativação de conhecimentos prévios, da interação entre interlocutores e da capacidade de negociação de sentidos durante a cena comunicativa.

DESENVOLVIMENTO

Em nosso artigo, temos como principal objetivo refletir sobre a importância de os aspectos interacionais e sociais serem considerados como parte relevante para o sucesso da ação comunicativa. Além dessa relação conjunta essencial para nossa comunicação, pretendemos ressaltar outros fatores que influenciam positivamente a relação entre linguagem e mundo comunicativamente validada, como: a experiência, a interação, a informação, o espaço corporativo, entre outras formas que contribuem para tal relação.

Considerando que a Linguística Textual se preocupa com a linguagem e a sua relação com o mundo, faz-se necessário refletir como a ação comunicativa é construída através desse amálgama entre mente e mundo social. Visamos apresentar como variados fatores contribuem para a produção de sentido do texto, ressaltando a importância da interação dos participantes na cena comunicativa.

Em resumo, pretendemos mostrar a relevância dos estudos sociocognitivistas (vale salientar o valor das investigações de algumas áreas da ciência, como a neurobiologia, a antropologia, e a linguística) para a produção de sentido, para preencher o abismo antes existente entre linguagem/mente e mundo, defendida pelo cognitivismo clássico; a importância dos fatores externos, assim como a ação conjunta entre os participantes e sua experiência na cena comunicativa.

Essa mudança de perspectiva altera profundamente a forma de compreender a produção de sentido. O entendimento deixa de ser concebido como simples decodificação de mensagens previamente prontas e passa a ser compreendido como atividade colaborativa construída pelos participantes da interação. Assim, fatores como contexto, memória discursiva, experiência sociocultural e inferência tornam-se fundamentais para o funcionamento da linguagem.

Nesse sentido, os estudos sociocognitivistas contribuem para superar dicotomias tradicionais entre sujeito e mundo, linguagem e realidade, cognição e sociedade. A linguagem passa a ser compreendida como prática social situada, constantemente reconstruída pelos sujeitos em suas experiências comunicativas cotidianas.

Notamos que a crônica é um gênero no qual abundam exemplos em que o sentido seria prejudicado se não levássemos em conta a participação ativa dos indivíduos em comunicação, além do envolvimento de questões sociais do mundo, partilhando a ideia de Salomão de “não ser o conhecimento partilhado suficiente para a compreensão”.

Se lemos uma crônica como um simples meio de comunicação, ação cujo fim seria o de transmitir uma informação ou mensagem, estaríamos reduzidos a um nível de compreensão muito pobre, tendo em vista que a literatura, assim como situações que vivemos em nosso cotidiano, por si só, sugerem que ativemos nossa experiência, interpretação e conhecimento de mundo para os possíveis sentidos que

podemos criar a partir de um texto. Optamos, em nossa análise, pelo gênero crônica, por estar próximo da linguagem oral e por apresentar situações semelhantes à nossa real comunicação no cotidiano, suscitando também o papel ativo do participante/leitor para a compreensão do caráter anedótico que constantemente encontramos nas crônicas.

A crônica apresenta características particularmente favoráveis para esse tipo de análise justamente por transitar entre literatura e cotidiano. Trata-se de um gênero marcado pela brevidade, pela linguagem acessível e pela aproximação com situações comuns da experiência urbana e social. Muitas vezes, o cronista parte de acontecimentos aparentemente banais para produzir reflexões, ironias ou efeitos humorísticos que dependem diretamente da participação interpretativa do leitor.

Além disso, o caráter híbrido da crônica — situado entre oralidade e escrita — evidencia mecanismos comunicativos muito próximos daqueles presentes nas interações espontâneas do cotidiano. Interrupções, pressupostos compartilhados, ambiguidades e implícitos aparecem frequentemente nesse gênero, exigindo constante mobilização de conhecimentos cognitivos e socioculturais para a produção de sentido.

Utilizaremos trechos de crônicas em que será possível verificar variados exemplos da ação conjunta dos participantes, relacionada com a ligação entre mente e mundo, para a produção de sentido. Verdade construída semanticamente, experiência e interação serão tratadas com maior atenção para expor essa relação, enfatizando a relevância dos estudos sociocognitivos para tal.

O primeiro trecho a ser analisado foi retirado da crônica “Relato de Viagem”, de Fernando Sabino. Através dele, pretendemos abordar a evolução do conceito de verdade a partir do desenvolvimento das teorias sociocognitivistas. O cognitivismo clássico, como ficou dito, reduzia a verdade como representação simbólica, em que o entendimento era baseado na perspectiva de mente dissociada do mundo social. Ou seja, uma lata de lixo teria a serventia de recipiente para descarte de materiais, ao passo que, no campo da sociocognição, uma lata de lixo pode ser considerada instrumento de percussão, útil para a base rítmica de uma roda de samba. A verdade aqui é comunicativamente validada, é vista como produção de entendimento ou as diversas formas de compreensão possíveis através da nossa interpretação. Partindo desse segundo ponto de vista, é possível compreender a frase com que Sabino inicia sua crônica: “Foi no tempo em que os *animais falavam*”.

A comicidade presente nesse trecho depende justamente da ruptura entre uma interpretação literal e outra socialmente construída. Sob uma perspectiva estritamente cognitivista clássica, a frase produziria estranhamento por contrariar a noção de verdade baseada na correspondência objetiva entre linguagem e realidade. Entretanto, na perspectiva sociocognitivista, compreende-se que os sentidos são construídos interacionalmente, levando em consideração experiências culturais e conhecimentos compartilhados pelos participantes da comunicação.

O leitor, ao reconhecer a ironia presente na expressão “animal”, compreende que o cronista não pretende afirmar literalmente que os animais falavam, mas produzir um efeito humorístico por meio da associação depreciativa entre o motorista e um comportamento considerado grosseiro ou irracional. O sentido emerge, portanto, da interação entre texto, contexto e experiência sociocultural do leitor.

esNossa experiência de vivência no mundo nos leva a considerar que a verdade é construída em uma condição comunicativa em que, na crônica, o autor utiliza a expressão para informar que o caso que vai contar aconteceu há muito tempo, e, se atentássemos para essa frase isoladamente, a partir da perspectiva cognitivista, essa frase não seria possível. Já pela análise sociocognitivista, podemos crer que em determinado tempo os animais falavam, seria um dos possíveis sentidos da frase. Essa interpretação só seria possível porque agimos no texto, participamos ativamente, em conjunto com o autor. É através dessa mesma ação cooperativa que, já na frase seguinte, conseguimos identificar o caráter anedótico da crônica e a ironia presente nela: “A estrada nova – explicou-nos o *animal*, um motorista de caminhão – leva...”. Essa segunda frase que dá sequência à crônica nos faz perceber que não há um animal que fala, mas exprime a indignação com uma ação de um motorista de caminhão, mais propriamente uma ofensa. O sentido fica comprometido se o trecho for interpretado no seu sentido literal, uma vez que o motorista de caminhão não é um animal. Agora, o conhecimento de mundo, a interpretação e a ação participativa levam um leitor a compreender e construir o sentido em conjunto com o autor na relação com o texto.

A passagem do cognitivismo para o sociocognitivismo se deu de forma gradual pelas diversas áreas de estudo da mente, quando se verificou, de acordo com Koch e Cunha-Lima, “a necessidade de a cognição ser abordada também em uma perspectiva social”. Identificamos, também, em relação com essa nova forma de encarar a linguagem e o mundo, a relevância dos espaços mentais. A noção de espaços mentais revela-se particularmente importante para compreender situações de humor baseadas em ambiguidades e interpretações momentaneamente equivocadas. Em muitos casos, o efeito anedótico nasce justamente da ativação de esquemas cognitivos diferentes pelos interlocutores envolvidos na interação comunicativa. O leitor acompanha simultaneamente os diferentes percursos interpretativos e reconhece o desencontro entre eles, produzindo o efeito cômico.

Nesse sentido, as crônicas de Fernando Sabino demonstram como a compreensão textual depende de processos cognitivos dinâmicos e socialmente situados. O sentido não está pronto no texto nem é produzido exclusivamente pelo autor; ele emerge da ação conjunta entre sujeitos em interação, mobilizando memória, experiência, contexto e inferência.

Por vezes, a incompreensão ocorre quando determinado espaço mental é ativado em detrimento de outro. Isto é, possuímos diversos planos cognitivos e, às vezes, por alguma razão, somos levados à falsa compreensão de sentido. Na crônica “Um nariz em Bruxelas”, Sabino relata um caso no qual dois amigos estão em Bruxelas, em que um é residente; o outro, visitante. Este último pega uma gripe muito forte e está desesperado por um médico, pois já tomara todos os remédios e nada adiantou. O anfitrião lembra-se que há um casal de médicos no condomínio em que reside; embora ambos sejam pediatras, podem ajudar em uma situação como esta. No trecho abaixo, é possível notar – no diálogo entre médica e visitante pelo telefone – que os participantes estão em planos cognitivos diferentes, o que causa a incompreensão momentânea e suscita o efeito anedótico da crônica:

Médica – Onde o senhor mora?

Visitante – Em Roma.

Médica – Como?

Visitante – Isto é, morar, morar mesmo, no Brasil.

Médica – No Brasil?

Visitante – Mas estou aqui passando uns dias...

Quanto a médica questiona onde o visitante mora, pretende saber em qual apartamento está no momento, para que ela possa se locomover até lá e atendê-lo. Porém, o visitante interpreta de forma literal, primeiro informando que mora em Roma, depois, no Brasil. Daí a surpresa da médica ao perguntar “como?”, “no Brasil?”. Aqui o sentido é construído durante a situação comunicativa, quando o visitante explica: “Mas estou aqui (em Bruxelas) passando uns dias...”

O humor produzido nesse tipo de situação depende diretamente da percepção do desencontro interpretativo entre os interlocutores. O leitor acompanha simultaneamente os dois percursos cognitivos construídos durante a interação: de um lado, a intenção comunicativa da médica; de outro, a interpretação literal realizada pelo visitante. O efeito anedótico surge justamente da coexistência temporária desses dois espaços mentais conflitantes.

Tal processo demonstra que a compreensão textual não ocorre de maneira linear ou automática. Pelo contrário, os sentidos são constantemente negociados e reajustados ao longo da interação comunicativa. O sociocognitivismo permite compreender esses fenômenos ao considerar que os sujeitos constroem interpretações a partir de experiências prévias, inferências contextuais e conhecimentos socioculturais compartilhados.

O mesmo fenômeno acontece na crônica “Para inglês ver”, de Sabino. Nesse texto, o personagem pretende adquirir uma licença para entrar em um navio inglês a fim de se despedir de um amigo. Solicita a licença à atendente, que lhe solicita alguns minutos e passa conversar com outros dois funcionários. Após algum tempo, irritado com a demora, ele a interrompe: “Vocês me desculpem, mas o navio vai partir”. Ao que a atendente responde e questiona: “É isso mesmo, o navio. Como é o nome?”. Diante da pergunta, o homem fica em dúvida e pergunta se ela quer saber o nome do navio; a moça responde: “Não, o seu”. Pudemos observar o homem confuso pela atendente não ter especificado na pergunta que queria saber o *seu* nome, mas apenas ter mencionado o nome. Como falavam do navio no mesmo momento, a pergunta levou o homem a outro espaço mental, provocando uma interpretação não esperada pela atendente.

A situação analisada também evidencia a importância dos implícitos na comunicação cotidiana. Em muitos casos, os interlocutores não explicitam completamente suas intenções comunicativas porque pressupõem determinados conhecimentos compartilhados pelos participantes da interação. Quando esses pressupostos não coincidem integralmente, surgem ambiguidades e mal-entendidos que podem comprometer momentaneamente a compreensão.

Nas crônicas de Fernando Sabino, esses desencontros interpretativos frequentemente tornam-se fonte de humor. O cronista explora justamente a instabilidade dos sentidos produzidos na interação, revelando como a comunicação humana depende de constantes negociações cognitivas e sociais entre os participantes.

Outro aspecto relevante observado nas crônicas analisadas é a forte presença da oralidade como elemento estruturador do humor. Os diálogos reproduzem situações cotidianas marcadas por interrupções, ambiguidades, pressupostos e interpretações incompletas, características muito presentes nas interações reais. Essa aproximação entre escrita e oralidade contribui para tornar mais evidente o papel ativo dos participantes na produção de sentido.

Além disso, o caráter aparentemente simples das crônicas de Fernando Sabino reforça a complexidade dos mecanismos sociocognitivos envolvidos na compreensão textual. Situações banais do cotidiano tornam-se espaço privilegiado para observar como mente, linguagem e mundo social atuam conjuntamente na construção da significação.

Outro ponto importante observado nas crônicas analisadas é a valorização das experiências ordinárias como espaço legítimo de reflexão sobre a linguagem. Fernando Sabino transforma acontecimentos simples do cotidiano em situações capazes de revelar a complexidade dos processos comunicativos humanos. O humor presente em suas narrativas não nasce apenas da comicidade dos fatos, mas principalmente das possibilidades múltiplas de interpretação produzidas durante a interação.

Ao explorar ambiguidades, pressupostos e falhas momentâneas de compreensão, as crônicas evidenciam que a linguagem não funciona de forma mecânica ou transparente. Pelo contrário, a produção de sentido depende constantemente da participação ativa dos sujeitos, de seus conhecimentos compartilhados e da relação dinâmica entre mente e mundo social.

A perspectiva sociocognitivista também permite compreender que os sentidos produzidos durante a interação comunicativa nunca são totalmente estáveis ou definitivos. Os participantes da comunicação interpretam os enunciados a partir de conhecimentos acumulados socialmente, experiências individuais, expectativas e inferências constantemente atualizadas durante a interação. Dessa forma, a linguagem deixa de ser compreendida como simples reflexo do mundo objetivo e passa a ser vista como prática dinâmica de construção da realidade social. Nas crônicas de Fernando Sabino, essa instabilidade dos sentidos manifesta-se especialmente nos diálogos marcados por ambiguidades e interpretações momentaneamente equivocadas. O humor surge justamente da capacidade do leitor de reconhecer simultaneamente diferentes possibilidades interpretativas e perceber o desencontro cognitivo entre os interlocutores. Assim, o caráter anedótico das crônicas evidencia a complexidade dos processos comunicativos humanos e reforça a importância da interação social para a produção de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos, a partir das análises dos trechos de crônicas de Fernando Sabino, mostrar a necessidade de aspecto social ser incorporado à linguagem para uma melhor compreensão de sentido. Através dos diálogos, foi possível notar que a verdade é criada na cena comunicativa e o sentido é produzido na situação comunicativa, sendo os participantes ativos e essenciais para a interpretação do texto. Seus conhecimentos de mundo atrelados à capacidade cognitiva os tornam capacitados para a produção dos possíveis sentidos do texto. Salomão considera que mente e mundo têm uma relação inseparável, sendo, a mente, parte do mundo. E, por isso, “não o representa, mas atua nele e o transforma ao transforma-se”. Nesse sentido, é possível compreender que mente e mundo estão

constantemente em movimento e intrincados um ao outro, relação essencial, de acordo com a perspectiva cognitivista, para a produção de sentido na cena comunicativa.

A análise das crônicas de Fernando Sabino permitiu observar como a produção de sentido depende da interação entre linguagem, experiência e contexto sociocultural. Os exemplos analisados demonstram que a compreensão textual não ocorre de maneira automática ou exclusivamente baseada na estrutura linguística, mas envolve processos cognitivos e sociais articulados durante a cena comunicativa.

Os estudos sociocognitivistas revelam-se fundamentais para compreender fenômenos como humor, ironia, ambiguidades e mal-entendidos presentes nas crônicas analisadas. A construção do efeito anedótico depende diretamente da participação ativa dos interlocutores, da mobilização de conhecimentos compartilhados e da capacidade de interpretação contextualizada.

Dessa forma, o sociocognitivismos contribui para ampliar a compreensão acerca da linguagem, superando concepções estritamente representacionais e reconhecendo o caráter interacional, dinâmico e social da produção de sentidos. As crônicas de Fernando Sabino evidenciam, assim, como os processos comunicativos cotidianos envolvem ações cognitivas complexas, construídas coletivamente pelos participantes da interação.

REFERÊNCIAS

SALOMÃO, Margarida. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges, BENTES, Anna Christina. **Referenciação e Discurso**. São Paulo, Cortez: 2005, pp.151-195.

KOCH, Ingedore; CUNHA-LIMA, Maria. Do cognitivismo ao sociocognitivismos. In: Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos, vol. 3. MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. São Paulo, Cortez: 2005, pp.251-300.

SABINO, Fernando. A companheira de viagem. Rio de Janeiro, Editora do Autor: 1965.